

JAIME BATALHA REIS, GEÓGRAFO ESQUECIDO



“Homens tremendos! Geração tremenda! Este, só cabeça, só engenho, só concepção — e duma força que nos deixa exaustos. É uma mola de aço, sempre nova. Diz:

—O meu valor é ter durado. É o das pirâmides do Egipto.

Por vezes, lembra-me Junqueiro, perdido nas suas teorias, aquele Junqueiro que o foi procurar a Londres e que da grande cidade só viu o nevoeiro, porque no tempo que lá passou não fez outra coisa senão falar com o BATALHA REIS, agarrados um ao outro, dia e noite, pregando teorias um ao outro, sem olharem sequer para o lado...” (1) — é este o JAIME BATALHA REIS do *Vale de Josafat* de BRANDÃO. Homens

(1) RAUL BRANDÃO, III, p. 175.

tremendos, geração tremenda que marcam desde há um século toda a cultura portuguesa. BATALHA REIS tem sido para alguns o agrónomo, para muitos o diplomata, para quase todos o amigo de EÇA, de ANTERO, de OLIVEIRA MARTINS. BATALHA REIS-geógrafo é um homem esquecido talvez porque nunca o chegou a ser em Portugal. A Geografia científica e institucionalizada sempre a pensámos posterior, com SILVA TELLES e o Curso Superior de Letras, mas a nova ciência, haviam-na já debatido os homens do "Cenáculo", a Geração de 70.

A obra geográfica de BATALHA REIS ficou por escrever como ficaram os seus ensaios de Filosofia, de História e de Arte ou os seus tratados de Agronomia. O publicado, pouco e esparso, é o resultado parcial das reflexões a que ia chegando sobre aquelas matérias. Os manuscritos inéditos são apontamentos infundáveis das leituras feitas, de ideias a repensar, de notas a reescrever. Decantar um pensamento parece ser o seu objectivo quando folheamos os pequenos quadrados de papel onde preparou a comunicação ao Congresso Internacional de Geografia de 1895:

"A Terra não pode ser concebida pelo homem senão como um *todo*, uma individualidade essencialmente *uma, orgânica*, composta de partes, como que órgãos d'um ser, concorrendo com as suas funções harmonicamente p.^a a existência do *todo* como tal. Continuar racionalmente a deduzir todos os elementos essenciais do m.^o thema geographico. / Applicar o processo a outras sciencias" (2). As citações com breves referências bibliográficas, por vezes e em parte traduzidas, alternam com comentários críticos e reflexões a desenvolver. Casos há em que se parece ter chegado a uma definição, a uma lei (?) — BATALHA REIS assina "B. R." no canto inferior direito do quadrado de papel: «Geographia/Descrição da Terra em todos os seres que no seu conjunto a formam sem investigar a natureza d'esses seres, /B.R./ a) Descrição/ b) Distribuição» (3).

O AGRÓNOMO E O DIPLOMATA

JAIME BATALHA REIS nasce em Lisboa em 1847. Educado no Colégio Alemão, frequenta desde 1864 o Instituto Geral de Agricultura onde é "estudante distintíssimo, notando-se entre os discípulos por sua sagacidade e elequência" (4). No final dos anos 60 é o "Cenáculo". Das reuniões em casa de BATALHA REIS, na Travessa do Guarda Mor ao Bairro Alto, saem as Conferências do Casino, preparam-se os "Vencidos da Vida".

Dominando o francês, o inglês e o alemão, BATALHA REIS teve acesso às principais obras vindas a lume nesses áureos tempos científicos que são as últimas décadas

(2) Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL), "Espólio de Jaime Batalha Reis" (Esp. IV), Cx. 83, Maço 137 (30) 11.

(3) *Ibid.*, Cx. 68, Maço 111 (4) 3.

(4) P. BRITO ARANHA, p. 122.

do século (5). O alemão era-lhe familiar desde a juventude, chegado da mais bela forma, a poesia: "Recordo-me da impressão nova que me fizeram as poesias de HEINE — que eu decorara no Colégio Alemão onde fui educado" (6). HEINE será um dos autores cuja imagem pontifica na Travessa do Guarda Mor, influenciando toda a geração, e será talvez com a vinda de ANTERO que recomeça as leituras alemãs (7).

BATALHA REIS agrónomo, inicia a sua carreira docente e de investigação em 1872, no estabelecimento de ensino donde há pouco saíra. Publica por esses anos inúmeros trabalhos sobre agricultura e silvicultura em várias revistas e periódicos (8). Em 1881 toma parte na Expedição Científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa (9) e no mesmo ano é nomeado membro da Comissão Central Directora dos trabalhos do Inquérito Industrial, dois empreendimentos marcantes da vida científica portuguesa do último quartel do século e nos quais encontramos comprometidos OLIVEIRA MARTINS, JÚLIO AUGUSTO HENRIQUES e FRANCISCO MARTINS SARMENTO.

Toda essa intensa actividade cessa em 1883, ao iniciar uma outra carreira que assumirá de modo não menos intenso — a diplomacia. O concurso para a entrada no Ministério dos Negócios Estrangeiros, preparara-o com EÇA DE QUEIROZ em S. Pedro de Alcântara em 1870, mas só em 1882 é nomeado consul de 1.ª classe em Newcastle, posto que EÇA abandonara quatro anos antes (10).

EÇA estava em Bristol desde 1878 e manter-se-á em Inglaterra até à mudança para Paris em 1888. Todo esse é o tempo da luta pelos direitos de Portugal em

(5) "Conhecia a fundo o frances, o inglez, o italiano, o espanhol e o alemão. E lia tudo, em qualquer assunto que se lhe tocasse desde Schopenhauer até ao Mahabárata; dava logo informações completas, com datas das diferentes edições (por exemplo da Vida de Jesus de Straus), nomes dos autores principais que escreveram sobre os assuntos (Bramanismo)./ Era uma Enciclopédia ambulante." — nota biográfica manuscrita de VIANNA DA MOTTA sobre JAIME BATALHA REIS, existente no espólio deste último (BNL, Esp. IV, Cx. 26, Maço 24 (4) 1).

(6) *Eça de Queiroz e...*, p. 98.

(7) Inseparáveis, JAIME BATALHA REIS e ANTERO DE QUENTAL passam férias na praia de Santa Cruz, traduzindo GOETHE, RÜCKERT e HEINE, a *História de Portugal* de SCHOEFER. À Poesia e à História que chegam através de ANTERO soma-se o contributo da Filosofia alemã. ANTERO lia alemão com relativa dificuldade "como todos os que não têm prática, porque não receberam o idioma estrangeiro pelos ouvidos. Lia apenas com a vista, preferindo livros impressos em typo romano." (C.M. VASCONCELLOS, p. 393). Daí que a ajuda de BATALHA REIS resultasse preciosa. Não há, contudo e curiosamente, qualquer geógrafo na extensa e meticulosa lista de autores alemães que terão influenciado ANTERO e que CAROLINA MICHAELIS coligiu.

(8) Caso da *Gazeta dos Lavradores* desde 1879 da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa. Relacionado directamente com a actividade docente, pública no *Relatório do Instituto Geral de Agricultura no anno de 1883*, "Excursão dos alunos do Instituto Geral de Agricultura nos arredores de Leiria" (Lisboa, Imp. Nac., 1883, p. 22-28).

(9) Ver a propósito da passagem do centenário dessa expedição: S. DAVEAU (1981).

(10) Eça, quando aí chegara em 1874, depois da experiência de Havana, havia-lhe escrito: "Saberás que Newcastle, onde há perto de 100 mil operários, é o centro socialista de Inglaterra. Estou no foco. É desagradável, o foco." (EÇA DE QUEIROZ, p. 89).

África, luta que BATALHA REIS trava nos principais jornais ingleses (como o *Times*) e nas sociedades científicas.

Em 1890 é o delegado especial à Conferência Anti-Esclavagista de Bruxelas. Em 1897 é colocado em Londres e, em 1902, é o adido comercial português nessa cidade (11). Aí será também o representante de Portugal na Conferência para a Protecção da Fauna Africana, em 1900. Sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa desde a sua fundação em 1875, JAIME BATALHA REIS é nomeado em 1902 por aquela instituição seu representante efectivo nas capitais europeias.

Com a República, é nomeado chefe de gabinete do Ministro dos Negócios Estrangeiros no governo provisório de BERNARDINO MACHADO e será o mediano no caso dos rebeldes monárquicos refugiados em Espanha. Em 1911 é Ministro na Haia e em 1912 é colocado em S. Petersburgo onde permanece até 1918, com um intervalo em que é nomeado embaixador em Madrid, embora nunca tenha chegado a tomar posse do cargo.

“Consultor geográfico” tornara-se quase um cargo oficial para JAIME BATALHA REIS, entre os diplomatas portugueses espalhados pela Europa (12). Em 1918 é ministro plenipotenciário de Portugal na Conferência de Paz e, em 1919, membro da comissão que redige o pacto da Sociedade das Nações. Deixando S. Petersburgo em Abril de 1918, foi assim o último embaixador português na Rússia, até ao restabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e a União Soviética em 1974 (13).

Retirado da vida pública, vive em Torres Vedras os últimos anos da vida. De JAIME BATALHA REIS octagenário faz RAUL BRANDÃO um curioso retrato:

“Este BATALHA REIS é um tipo de 80 anos, baixo, forte, todo branco e olho esperto através das lunetas (...). De manhã, toma um banho de água fria, conserva-se uma hora em pêlo, ao ar, e dá um passeio de léguas; de tarde, exaure os rapazes e os homens que vivem na York House com ele — o Pascoaes, o Justino, os Poetas. Toda a noite! Toda a noite! E, logo de manhã, é o primeiro a levantar-se, sempre com o mesmo viço e frescura. Vive para raciocinar, para discutir todos os problemas — para construir uma filosofia e uma estética: — o fim da arte não é o belo, é o indefinido” (14).

(11) Nesse ano sai em Lisboa pela Imprensa Nacional e de sua autoria: *Os vinhos portugueses no mercado de Londres (relatórios e informações)*, pequeno estudo de 37 páginas sobre o assunto que não deixara de interessar o agrónomo.

(12) A. REIS MACHADO, p. IX-XII.

(13) Ver “Batalha Reis último embaixador de Portugal na corte russa”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 9 de Setembro de 1974, p. 7. BATALHA REIS “depois de tentar inutilmente com o corpo diplomático aliado, atravessar a Finlândia, então em guerra civil, saiu finalmente com suas filhas pelo Murmansk num transporte militar britânico.” (“Jaime Batalha Reis” in *Grande Enciclopédia...*, p. 367). Os relatórios diplomáticos que BATALHA REIS enviou então ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde se recolhem breves mas ricas e perspicazes descrições das regiões percorridas, permanecem no arquivo da biblioteca daquele ministério aguardando uma honesta e séria edição crítica que substitua a recentemente vinda a lume.

(14) RAUL BRANDÃO, III, p. 174.

O GEÓGRAFO

A contribuição de JAIME BATALHA REIS para a bibliografia geográfica de Portugal reparte-se por quatro áreas: a Fitogeografia, através dos estudos de Botânica e Agronomia, a História da Geografia e da Cartografia, a Epistemologia, Metodologia e Ensino da Geografia e a Geografia Colonial.

Os estudos de Fitogeografia. — A sua formação nas Ciências Naturais data de bastante cedo. Aprendera-as certamente pelos franceses mas há a descoberta posterior das grandes obras alemãs sobre Agricultura, Botânica e Fisiologia Vegetal (15). Aos 19 anos é agrónomo e engenheiro florestal pelo Instituto Geral de Agricultura de Lisboa (16). Se o seu papel como conferente do Casino lhe trará alguns problemas, as posições avançadas dentro das correntes científicas, fruto de uma permanente e vasta informação, também não deixam de lhe acarretar hostilidades: “Já eu nos meus 19 anos apresentei e sustentei como teses do meu curso a doutrina darwiniana, ficando assim sujeito para toda a minha vida aos olhos dos homens respeitadores que dirigem os destinos da sociedade. Seis anos me guardaram fora das colocações oficiais: são os 6 anos do cenáculo revolucionário.” (17)

Por decreto de 1 de Fevereiro de 1872 é nomeado chefe do Serviço Agrícola do Instituto Geral de Agricultura, desenvolvendo a partir daí uma intensa actividade no campo agronómico. Em 1873 integra a comissão de estudo da filoxera no Douro (18) e em 1876-77 desloca-se a Filadélfia, onde organiza a Exposição Agrícola e Colonial Portuguesa e onde faz parte do júri da Exposição Universal (19).

(15) “Comentava em relação aos seus livros de Botânica, como os livros franceses acessíveis não significavam mais do que resumos incompletos de outros livros e publicações alemãs.” (MARIA STAACK, in *Correspondência...*, p. 39). O interesse pelo germanismo estende-se a OLIVEIRA MARTINS, provavelmente por influência de ANTERO (JOAQUIM DE CARVALHO in *Cartas inéditas...*, p. IX) que dirá em 1887 numa carta autobiográfica a WILHELM STORCK sobre a vinda da “Escola de Coimbra” para a capital: “O Germanismo tomara pé em Portugal.” (*Carta inéditas...*, p. 7).

(16) FERNANDO MARQUES DA COSTA p. 140. A dissertação apresentada como trabalho final do curso versa já o estudo da vinha em Portugal, assunto que o continuará a interessar: “*Alguns apontamentos sobre o estudo da vinha e do vinho. Dissertação e theses apresentadas ao Instituto Geral de Agricultura, para serem sustentados no acto final do curso de agronomia, 26 de Outubro de 1866*, manuscrito de 45 p. (ver nota 11).

(17) Cit. por FERNANDO MARQUES DA COSTA, p. 136.

(18) Nesse mesmo ano vem a lume *A nova molestia das vinhas do Douro. Relatório apresentado à Comissão Central pela delegação encarregada de estudar no Douro a nova molestia das vinhas*, assinada por JOSÉ DUARTE DE OLIVEIRA JUNIOR, ANTÓNIO BATALHA REIS e JAYME BATALHA REIS (Lisboa, Imp. Nac., 1873, 56 p.).

(19) Conta mesmo numa carta a RUI GALVÃO DE CARVALHO, de Dezembro de 1932, a grande experiência que colheu no continente americano: “...estudei nas Carolinas, a cultura do algodão, e no Mississipi e, em Nova Orleans no Ohio, ali a cana de assucar e vinha. Comecei a organizar a resistencia das nossas vinhas contra a filoxera.” (*Correspondência...*, p. 165). Na lista dos sócios correspondentes aquando da fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1875, encontrámos: “Jayme Batalha Reis, agronomo, Phyladelphia” (*Bol. Soc. Geog. Lisboa*, Lisboa, I, Dezembro de 1876, p. 6).

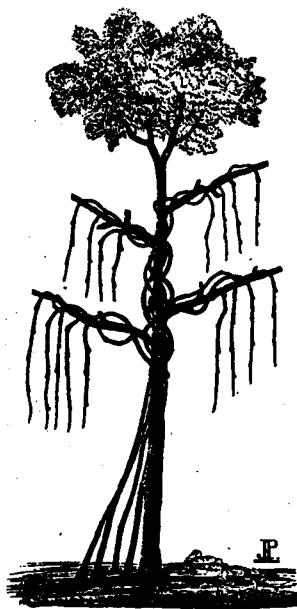


Fig. 1 — Vinha de enforcado. *A Agricultura no Distrito de Viseu.*

O ponto de vista geográfico não deixa de estar presente nos seus estudos. As suas preocupações sobre a distribuição espacial das espécies vegetais e a sua relação com os solos e o próprio povoamento não serão alheias as leituras do que chega de fora (fig. 1), como também a convivência com os homens que em Portugal primeiro se interessam pela Geografia científica: ALFREDO MAY e BERNARDINO de BARROS GOMES (20).

História da Geografia e da Cartografia. — Estes estudos relacionam-se directamente com a defesa da imagem de Portugal: o reconhecimento do importante papel dos descobrimentos portugueses na história da cultura europeia, os direitos que daí advêm para a presença de Portugal em África e no Oriente. A análise da cartografia antiga é um ponto de partida para muitas hipóteses sobre a «verdade histórica», mas

(20) Sobre BERNARDINO DE BARROS GOMES ver ORLANDO RIBEIRO (1934 e 1978). Acerca de BARROS GOMES com quem mantém correspondência e em especial sobre as *Cartas Elementares de Portugal*, diz BATALHA REIS: "Ter uma ideia exacta do que é o paiz que se habita é a primeira necessidade de todo o homem. O Livro do sr. Bernardino Barros Gomes "Cartas Elementares de Portugal" é o único capaz de dar aos portugueses uma tal instrução. / É ele também o único que conheço onde se acham reunidas todas as observações scientificas que podem dar da agricultura das nossas regiões e do futuro da nossa economia cultural, uma ideia correcta." (BNL, Esp. IV, Cx. 68, Maço 111 (4) 1). Com BARROS GOMES e JOÃO IGNACIO LAPA publicará: *Relatório da comissão nomeada para estudar a influência da resinação no Pinhal de Leiria* (Lisboa, 1881, 41 p.).

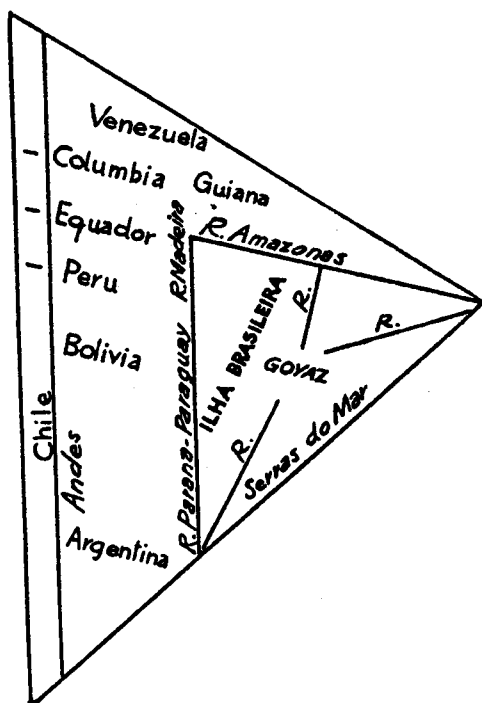


Fig. 2—Fisionomia fundamental da América do Sul.
A Organização Geográfica da América do Sul..., p. 223

mente construído, um *Organismo* completo, como que um grande animal, de membros e funções racionalmente explicáveis” — figura 2(30).

As ideias e a teoria organicista não são novas nas reflexões de BATALHA REIS (31). As ciências naturais haviam sido refeitas no seu espírito durante os “anos de educação” do Cenáculo e do Casino. Desde 1867 vinha expondo novas ideias nos seus artigos dispersos por jornais e revistas, mas é sobretudo desde 1871, com a publicação da *Agricultura no Districto de Vizeu* (32), os trabalhos de campo no Douro e a docência no ensino superior, que os estudos agronómicos ganham fôlego.

Em Inglaterra, BATALHA REIS havia-se documentado largamente nos últimos anos. Se as línguas francesa e alemã são sobretudo cultivadas em Portugal, a influência inglesa será fruto da ida para a Grã-Bretanha e de toda a actividade diplomática e científica que aí desenvolve em torno das questões africanas, no contacto com a Geografia e a Antropologia Físicas, com a Etnografia. *Fellow* da Sociedade de Geo-

(30) *Ibid.*, p. 150-151. Em *O Comércio do Porto* publicará também em 14 de Janeiro de 1896: “A organização geográfica da América do Sul e do Brasil” (id. in *Est. Geog. Hist.*, p. 215-244) onde as mesmas ideias são aplicadas a um estudo regional sobre a América do Sul (fig. 2).

(31) Elas estão já presentes no estudo *A physiologia em geral e em especial a das plantas superiores como introdução ao estudo da Nosologia Vegetal* (Lisboa, Typ. “Verde”, 1882).

(32) Lisboa, Imp. Nac., 1871, 85 p.

grafia de Edimburgo desde 1889, é-o também, a partir de 1895, da Royal Geographical Society de Londres.

Na comunicação ao VI Congresso Internacional de Geografia, quer pelas notas que encontramos no seu espólio, quer pelo muito que retiramos do próprio texto, damos-nos conta do seu profundo conhecimento sobre tudo o que de mais importante vinha saindo das escolas geográficas inglesa, alemã, francesa e italiana (33). A sua posição quanto ao conceito de Geografia é a do homem das ciências naturais. "Os exploradores que julgão que estão a reunir *observações de Geographia* e estão *realm.* a reunir observações sobre a sciencia da terra, e por isso apenas n'uma parte sobre *Geographia*" (34). Comentando a importância dada ao homem por RITTER na sua obra, escreve numa nota solta: "Não sei que este ponto de vista tenha cousa alguma que fazer em *Geographia* ou *Geonomia*./ É o ponto de vista da m.^{or} parte dos *Geographos*-/ É, quasi com os m.^{mos} inconvenientes, falsidades e ridiculos, o ponto de vista patriótico, applicado à sciencia" (35). Para a relação intensa Geografia-Geologia reivindica a aplicação dos métodos das ciências biológicas. SUESS, PERCHEL, GEIKIE, LAPPARENT são revistos minuciosamente, esquematizados, refeitos numa tentativa de sinopse divulgadora. O evolucionismo darwiniano que, como vimos, desde muito cedo defendeu, encontra-mo-lo aqui desenvolvido e consolidado num organicismo quase extremo. Nas próprias posições filosóficas de BATALHA REIS encontramos este seu debater-se e este seu percurso de pensamento ligados à filosofia da ciência. Toda a correspondência trocada com ANTERO DE QUENTAL o comprova, toda a partilhada com OLIVEIRA MARTINS o demonstra. OLIVEIRA MARTINS é o economista, o positivista por excelência (36), a ANTERO ligá-lo-á sempre o idealismo alemão: "A impressão porém que a vossa attitude perante as minhas opiniões philosophicas me fazia era muito diferente. O OLIVEIRA MARTINS desprezando a *Metaphysica* não podia evidentemente prestar atenção a um *metaphysico*, — e que *metaphysico!*/ Com V. porém o caso era diverso." — diz em carta a ANTERO, em 1886 (37).

O evolucionismo organicista tem em BATALHA REIS, OLIVEIRA MARTINS e ANTERO DE QUENTAL o mais sólido grupo de aderentes, o mais entusiasta conjunto de divulgadores em Portugal. À sua volta, nas letras como nas ciências, encontramos

(33) No espólio de JAIME BATALHA REIS existe uma curiosa e elucidativa coleção de verbetes de leitura da Biblioteca do Museu Britânico de Londres, a maioria datados de Setembro de 1895. Aí encontramos notícia da requisição de obras de O. PESCHEL, H. WAGNER, H. MACKINDER, P. FONCIN, F. PERENA, A. HETTNER, etc. (BNL, Esp. IV, Cx. 68, Maço 111 (4) 4.

(34) *Ibid.*

(35) *Ibid.*, Cx. 83, Maço 137 (30) 11.

(36) ANTERO dirá de OLIVEIRA MARTINS a TOMMASO CANNIZZARO, em carta datada de Vila do Conde de 2 de Outubro de 1886: "Oliveira Martins é antes de tudo um economista da feição daqueles a quem na Alemanha chamam *Katheder-Socialisten*, que completam a ciência económica com a história e ainda a psicologia, considerando as sociedades como organismos vivos, que não podem ser bem compreendidos senão sinteticamente e em relação a todas as condições de meio e de tradição peculiares a cada uma delas." (ANTERO DE QUENTAL, p. 161). Sobre o organicismo na obra de OLIVEIRA MARTINS, ver: ALBERT SILBERT (p. 89-93) e AUGUSTO SANTOS SILVA (p. 4-6).

(37) *Correspondência...*, p. 126.

notícia das mesmas preocupações: os estudos de biologia de JUNQUEIRO (38), *As Povoas Marítimas* de ALBERTO SAMPAIO, as *Memórias de um Átomo* de JOÃO DA EGA/EÇA DE QUEIROZ. Tem cada um os seus inspiradores, os grandes nomes das ciências e das letras europeias: HAECKEL, COURNOT, HUXLEY, MALTHUS, FUSTEL, BALZAC (39). A grande preocupação é o rigor científico para a caracterização e compreensão do real. O fim último é o reconhecimento da verdade. "A investigação ou a produção científica distingue-se de qualquer outra, por não ter nenhum outro fim se não obter o conhecimento da verdade" (40).

Talvez a influência francesa mais importante e sólida em BATALHA REIS tenha sido a da própria Geografia, em especial ÉLISÉE RECLUS, que encontra pessoalmente no Congresso de Londres. Em 1881, ANTERO pede desde Vila do Conde, que lhe seja devolvido um certo número de livros, entre os quais "1 volume de *La Terre*, de Reclus" e acrescenta, sobre a insistência do pedido e a pressa da devolução: "Tenha paciência com estas impertinências d'um caturra solitário, para quem agora os livros são não só um mundo, mas todo o mundo." Porém, na falta de resposta, escreve: "Meu caro Jayme/ Escrevo-lhe novamente, por causa d'aquelles malaventurados livros. Alguns d'elles estão fazendo falta ao O. Martins, que hontem m'os pedio pela terceira vez" (41). RECLUS era uma fonte conhecida de OLIVEIRA MARTINS para a introdução geográfica à sua *História da Civilização Ibérica* (1879) que aqui e assim se confirma (42).

JAIME BATALHA REIS, tendo recebido a obra de OLIVEIRA MARTINS, escreve a 10 de Maio de 1879, ao autor: "Já li dois capítulos; os dois primeiros./ Não gosto nada do território. Os traços são largos mas não são grandes. As caracterizações das cidades ou povoações nas diff.^{as} regiões p.¹ um lado naturaes pelo outro historicas, não pintam, não caracterisam, são muitas vezes banaes. Aquele capítulo devia ser um quadro e não é: não é como lhe cumpria: a natureza significando, a Hespanha organismo./ Gosto muito da Raça". OLIVEIRA MARTINS responderá pouco depois: "O que V. me diz da *Civil. iberica* satisfaz-me porque effectivamente se o livro tem valor positivo esse valor é o da comprehensão do génio peninsular. Concordo plenamente

(38) "Há muito que Junqueiro pensava em trabalhos científicos. A sua biblioteca de biologia era a melhor e a mais completa do País." (RAÚL BRANDÃO, II, p. 206).

(39) Após a leitura da *História da Civilização Ibérica*, ANTERO escreverá em 1880 a OLIVEIRA MARTINS: "É um sentimento de plenitude, que já tenho experimentado com alguns poucos livros, como a *Cité antique* de Fustel, e outros assim." (*Cartas inéditas...*, p. 97).

(40) BNL, Esp. IV, Cx. 68, Maço 111 (4) 2.

(41) *Correspondência...*, p. 107-108.

(42) ORLANDO RIBEIRO, 1977, p. 46. O curioso é o volume ser de ANTERO que o deve ter comprado logo após a primeira edição (Paris, 1876) e emprestado muito rapidamente aos amigos. Na biblioteca de JAIME BATALHA REIS, que se encontra actualmente na Área dos Espólios da Biblioteca Nacional de Lisboa, encontram-se exclusivamente os volumes XII — *L'Afrique Occidentale* e XIII — *L'Afrique Méridionale* da *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les hommes* de E. RECLUS, em edição de 1887-1888 (informação da Dr.^a MARIA JOSÉ MARINHO, a quem agradecemos aqui a indizível atenção com que sempre nos recebeu e sem a qual este trabalho seria em grande parte impossível). Sobre E. RECLUS e a sua visita a Portugal em 1886 e 1887 ver: EMÍLIO COSTA (1933).

com a sua impressão acerca do Território; e já que V. se propoz a ler o livro, peço-lhe que não deixe de me comunicar as suas impressões finais e geraes.” (43). A crítica de BATALHA REIS denota as grandes preocupações do geógrafo oitocentista: a individualização e caracterização das regiões, a importância dos factores naturais na História, a evolução, organização e funcionamento de cada pedaço de terra. Além de RECLUS, evocamos RITTER e especialmente HUMBOLDT (*Quadros da Natureza*), autor que toda a geração lera cuidadosamente.

“Alex. de Humboldt, o grande observador do Universo, o fundador da Geog.^a comparada”, BATALHA REIS lê-o em inglês e certamente em alemão como lerá a obra de RITTER também revista em versão francesa (44) mas, a nota final de BATALHA REIS sobre a *História da Civilização Ibérica* denota uma outra leitura mais importante e mais nova. “A natureza significando, a Hespanha organismo” são ideias de OLIVEIRA MARTINS podia e devia ter desenvolvido e nunca o fez — a sua introdução geográfica nunca funcionará explicativamente para o resto da obra (45). A equilibrada mistura do determinismo e organicismo geográficos aconselhada por BATALHA REIS, não a pensou nem a conseguiu OLIVEIRA MARTINS. Só ela poderia ter construído uma *História da Civilização Ibérica* mais sólida e una.

Geografia Colonial. — A Geografia Colonial de JAIME BATALHA REIS liga-se logicamente à defesa dos interesses portugueses em África e o autor cultivava-a no tempo do *Ultimatum*. Nessa sua Geografia das regiões tropicais, os aspectos climáticos e fitogeográficos são dominantes bem como projectos do que hoje chamaríamos de Geografia aplicada.

Um ano antes de SILVA TELLES publicar nos *Anais do Clube Militar Naval* o seu trabalho: “A partilha de África”, pensa BATALHA REIS escrever em Inglaterra um outro sobre o mesmo tema, a pedido de EÇA DE QUEIROZ para a *Revista de Portugal*. Uma nota curiosa é o cuidado posto na cartografia, matéria em que era já reconhecida a sua competência (46). Numa conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa, SERPA PINTO contara mesmo que o primeiro mapa publicado sobre a sua viagem fora feito por JAIME BATALHA REIS e ANGELO SARREA PRADO sob as suas indicações e os seus mapas de campo (47).

(43) BNL, Esp. IV, Cx. 62, Maço 74 (54) 7.

(44) *Ibid.*, Cx. 83, Maço 137 (30) 11. Em Maio de 1872, ANTERO dá notícia a OLIVEIRA MARTINS: “Li durante este intervalo, o 2.º vol. do *Cosmos* de Humboldt, consagrado à história do desenvolvim. ¹⁰ da ideia de Universo, e reli os vol. do Michelet, *Renascença e Reforma*, assim como os capítulos q. o Cournot consagra à Idade Média, Antiguidade e Renascença...” (*Cartas inéditas...*, p. 9).

(45) ORLANDO RIBEIRO, 1977, p. 45-49.

(46) Sobre o estudo de SILVA TELLES ver: ORLANDO RIBEIRO (1976, p. 14). À sugestão de EÇA, responde a 27 de Março de 1889: “...pelo bem dos leitores da tua revista, — respondo-te que sim, e que vou tentar a fabricação dum artigo sobre Portugal na África. / Parecia-me também conveniente que ele aparecesse acompanhado de um mapa que tomaria exactamente uma página da revista (sabem acaso os teus leitores onde é África?) e cujo esboço eu te posso mandar desenhado por mim dentro de poucos dias.” (*Eça de Queiroz e...* p. 54). O artigo prometido a EÇA não chegará a aparecer nas páginas da *Revista de Portugal*. É o tempo do *Ultimatum*.

(47) Uma amizade estreita ligava o explorador ao cientista. Em 1883, BATALHA REIS convida EÇA a ir a Newcastle e, seduz-lo com uma mesa de trabalho, onde poderá escrever “com os pés sobre uma pele que o Serpa Pinto me trouxe do Centro de África.” (*Eça de Queiroz e...*, p. 43).

Em 1889 publica "Os portugueses na região do Nyassa" (48), no ano seguinte "Portuguese explorations in Austral Africa during the nineteenth century" (49) e em 1897 "Algumas reflexões sobre colonização" e "Denominações geográficas. Alguns nomes nas colónias portuguesas de África" (50). No Congresso Internacional de Geografia de Londres (1895), o presidente da comissão portuguesa ao Congresso, FERREIRA DO AMARAL, tomará a palavra na discussão que se segue à apresentação das comunicações sobre África e onde o colonialismo português havia sido duramente atacado. "I am afraid that Portuguese is better understood in Africa than in London", mas pouco acrescenta. BATALHA REIS estará já bem desiludido de toda uma luta perdida para Portugal, apesar de ganhar para si próprio, no reconhecimento internacional do seu valor como africanista, como geógrafo, como humanista (51).

Sob proposta sua feita no 2.º Congresso Internacional de Agronomia Tropical reunido em Bruxelas em 1910, a Associação Científica Internacional de Agronomia Colonial e Tropical levou a efeito, entre 1910 e 1919, um importante e extenso inquérito sobre a mão-de-obra nas colónias e países tropicais: *Enquête Internationale sur la Main d'Oeuvre Agricole dans les Colonies et les Pays Tropicaux*. É o seu último e talvez mais completo texto vindo a lume sobre Geografia Colonial (52).

Sobre a vida intelectual portuguesa, dizia ANTERO DE QUENTAL em 1886 em carta a TOMMASO CANNIZZARO: "...em Portugal não há o movimento literário [e científico] que de longe parece haver. O que há é um pequeno número de fortes individualidades, destacando-se sobre um fundo de geral mediocridade correlativa ao baixo de vida política e intelectual da nação" (53). Foi evocando uma dessas fortes individualidades que lembrámos a geografia esquecida de JAIME BATALHA REIS na passagem do cinquentenário da morte do autor.

JOÃO CARLOS GARCIA

(48) Artigo publicado na *Scottish Geographical Magazine* em Maio de 1889 e no mesmo ano em Lisboa, pela Imprensa Nacional, na versão original e em tradução. Incluído nos *Est. Geog. Hist.*, em 1941 (p. 29-52).

(49) In *Report of the British Association for the Advancement of Science. Meeting at Newcastle upon Tyne in 1889*, Londres, 1890. Publicado em tradução nos *Est. Geog. Hist.* (p. 53-81).

(50) *Revista Colonial e Marítima*, Lisboa, Outubro de 1897 e 1897-1898. Republicados nos *Est. Geog. Hist.*, p. 397-402 e 403-415.

(51) Sobre VI Congresso Internacional de Geografia e a participação portuguesa nessa reunião científica, publica JAIME BATALHA REIS em *O Comércio do Porto* (Porto, 27 e 28 de Setembro de 1895) um artigo sob o título: "Portugal e a colonização da África na sessão do VI Congresso Internacional de Geografia, em Londres", artigo inserido nos *Est. Geog. Hist.* (p. 197-213).

(52) Paris, Association Scientifique Internationale d'Agronomie Coloniale et Tropicale, 1914, 300 p.

(53) ANTERO DE QUENTAL, p. 162.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, P. BRITO — *Dicionário Bibliographico Portuguez*, X, Lisboa, 1883, 409 p.
- BRANDÃO, RAUL — *Memórias*, 3 vol., Lisboa, Perspectivas & Realidades, s.d.
- Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveria Martins* (publ. por Francisco de Assis de Oliveira Martins, com prefácio de Joaquim de Carvalho), Coimbra, Imp. Univ., 1931, 165 p.
- Correspondência entre Antero de Quental e Jaime Batalha Reis* (introdução, organização e notas de Maria Staack), Lisboa, Assirio e Alvim, 1982, 165 p.
- COSTA, EMÍLIO — *Élisée Reclus*, Lisboa, Seara Nova, 1933, 46 p.
- COSTA, FERNANDO MARQUES DA — “Sobre um possível Jaime Batalha Reis e tábua biocronológica de Jaime Batalha Reis”, *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 3, 1-2, 1983, p. 129-151.
- DAVEAU, SUZANNE — “A expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa em Agosto de 1881”, *Finisterra*, Lisboa, XVI, 32, 1981, p. 314-318.
- Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis. Cartas e recordações do seu convívio* (escritos coligidos e apresentados por Beatriz Cinatti Batalha Reis), Porto Lello & Irmão, 1966, 228 p.
- “Jaime Batalha Reis” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, IV, Lisboa-Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia, s.d., p. 367-368.
- MACHADO, A. REIS — “Introdução” in *Estudos Geográficos e Históricos de Jaime Batalha Reis*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1941, p. I-XIII.
- QUEIROZ, EÇA DE — *Correspondência* (leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho). I. Lisboa. Imp. Nac.. 1983. 640 p.
- QUENTAL, ANTERO DE — *Cartas de Vila do Conde* (introdução, organização e notas de Ana Maria de Almeida Martins), Porto, Lello & Irmão, 1981, 365 p.
- Report of the Sixth International Geographical Congress. London — 1895*, Londres, John Murray, 1896, 806+84+190 p.
- RIBEIRO, ORLANDO — “Barros Gomes, geógrafo”, *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, II, 1, 1934, p. 104-112.
- “Silva Telles, introdutor do ensino da Geografia em Portugal”, *Finisterra*, Lisboa, XI, 21, 1976, p. 12-36.
- *Introduções geográficas à História de Portugal*, Lisboa, 1977, 230 p.
- “Cartas Elementares de Portugal, de Bernardino de Barros Gomes (1878)”, *Finisterra*, Lisboa, XIII, 26, 1978, p. 226-229.
- SILBERT, ALBERT — “Oliveira Martins et l’Histoire” in *Regards sur la Génération Portugaise de 1870*, Paris, Fund. Gulbenkian, 1971, p. 85-100.
- SILVA, AUGUSTO SANTOS — “Morte, mediação, história: uma viagem tanatográfica ao pensamento de Oliveira Martins”, *Revista de História Económica e Social*, Lisboa, 14, 1984, p. 1-40.

TORRES CAMPOS, RAFAEL — *La Geografía en 1895. Memória sobre el VI Congreso Internacional de Ciencias Geográficas celebrado en Londres, Madrid*, Est. Tip. For-tanet, 1887, 287 p.

VASCONCELOS, CAROLINA MICHAELIS DE — “Anthero e a Alemanha” in *Antero de Quental. In Memoriam*, Porto, Mathieu Lugan, 1896, p. 385-425.

* As referências bibliográficas das obras de Batalha Reis são feitas ao longo do texto.